

ARTES PLÁSTICAS

MARILENE RIBEIRO

LUCIANA AMORMINO

Nas terças, quartas e quintas-feiras, lidar com pessoas sensíveis, tanto física quanto psicologicamente, e se sensibilizar por elas, numa troca em que o resultado salva vidas. Nas sextas, sábados, domingos e segundas, novamente deixar-se sensibilizar pelo outro, interagir com ele, numa relação que também passa pelos sentidos, aguça percepções e, num outro exercício de sensibilidade, perenizar este encontro numa imagem fotográfica.

É compartimentando sua vida em duas atividades que parecem se diferenciar totalmente, mas que no fundo têm muito em comum e se complementam – a medicina e a fotografia – que Marilene Ribeiro se realiza.

Médica pediatra e fotógrafa por escolha e paixão, a belorizontina busca sempre o outro nas duas profissões. “Eu escolhi a medicina porque queria me aproximar do outro, ter uma relação de doação, de recepção, de troca, de poder ajudar. Acho que a questão de eu trabalhar na fotografia com temas ligados a etnografia tem a ver com isso. E em ambas tudo é sensibilidade. Nas duas atividades você tem que se dar ao máximo, com finalidades totalmente diferentes e com processos totalmente diferentes, mas tem uma questão de complementaridade”.

A busca pelo outro é o que a atira na fotografia, e só depois que encontra algo que tenha uma história por trás é que pensa em plasticidade, cor, forma, enquadramento e composição. A fotografia, para ela, tem que ter alma, no sentido de ter toda uma história dentro daquele enquadramento. É preciso um olhar etnográfico, um olhar para o outro com suas diferenças, seus conhecimentos, seu modo de viver, sua história, seus mitos e narrativas para que seja registrado pela fotógrafa.

Nesse trabalho de fotógrafa etnográfica, Marilene destaca duas palavras que traduzem o que isso representa em sua vida: comunicação e conhecimento. “Comunicar não é só questão de divulgar, porque quando eu escrevo sobre uma fotografia ou um projeto, eu não estou só divulgando, estou colocando minhas coisas também. Não adianta falar que eu não interferi, é impossível. E o conhecimento a que me refiro não é o meu conhecimento, mas o conhecimento que eu adquiro com o outro e que me alimenta não só nesta área, mas em tudo. Poder olhar para algo de forma diferente que você olhava antes porque você aprendeu alguma coisa com aquilo é bom demais. A fotografia me permitiu entrar nesse mundo de conhecimento e, principalmente, trabalhando com etnografia, passo a conhecer como se vive, como se faz, no que se acredita, o que é o místico, o que é sobrenatural, o natural”, destaca.



Entre a medicina e a fotografia, Marilene Ribeiro realiza sua busca pelo outro

ARTES PLÁSTICAS

MARILENE RIBEIRO

LUCIANA AMORMINO

Mesmo dividindo sua vida de modo a conseguir fazer bem as duas atividades, Marilene às vezes sente-se frustrada, tanto por um lado quanto por outro. "Tem vezes que estou num projeto de fotografia, ansiosa para chegar em casa e trabalhar nas fotos todas, para no outro dia ver o resultado. Só que no dia seguinte estarei trabalhando como médica, então às vezes eu tenho que segurar isso. Mas também é interessante, me amadurece para outras coisas. Tem o lado positivo e o negativo: o ponto positivo é que, às vezes, mudando de atividade, quando vou ver uma foto de novo, já penso diferente. Ao mesmo tempo, é frustrante porque você queria ver logo, dar saída naquela idéia que você teve. Mas não tem jeito, foi a escolha que eu fiz, tenho que compartimentar. Cada dia é para uma coisa. Quando estou numa atividade, esqueço o resto". Para facilitar a conciliação entre as duas atividades, Marilene trabalha, na fotografia, com projetos mais a longo prazo, o que possibilita uma imersão dentro do tema e um amadurecimento durante o processo de realização. "Eu gosto das coisas que demoram mais. Elas pedem um tempo maior para gerar os frutos, mas acho que elas têm mais consistência, tanto o que eu produzo quanto o que eu absorvo, por isso eu gosto de projetos mais demorados", explica.

Projetos e parcerias

"Não tem jeito, o cérebro da gente anda, todo dia surgem idéias de projetos e tem algumas que eu compro, pensando que vai dar certo. Se a gente não fizesse assim, o que seria do mundo? Ia ser um mundo sem sonho nenhum, as pessoas pensando só nas coisas que já são certas..." Com esse pensamento, Marilene Ribeiro reafirma seu prazer em trabalhar com projetos na fotografia, colocando em prática idéias suas, abraçando idéias de parceiros e dando tempo para que tudo aconteça.

O primeiro projeto do qual participou – e que ainda está em andamento, com previsão de término para 2008 – foi como fotógrafa contratada pela Ong Biotrópicos, ligada ao meio ambiente, onde conta com parceria de Joaquim Araújo Silva, conhecido como Quincas, filósofo doutorando em ecologia e membro



ARTES PLÁSTICAS

MARILENE RIBEIRO

LUCIANA AMORMINO

da Ong. O projeto, chamado "Como chama no sertão", busca traçar um paralelo entre a realidade do Parque Nacional Grande Sertão Veredas, localizado na região noroeste de Minas Gerais, e a obra de Guimarães Rosa que dá nome ao parque, "Grande Sertão: veredas". O produto será um livro foto-documental, com fotografias que utilizem a semiótica como recurso para se mostrar este sertão e a vida do sertanejo, voltando-se mais para o sentido figurado.

Antes de iniciar o projeto de fato, foi feito um projeto-piloto em 2005, que consistiu em duas expedições na região do Parque Nacional Grande Sertão Veredas, onde foram feitas algumas fotografias. Segundo o cronograma, serão realizadas nos dois próximos anos outras seis expedições de 15 dias, com previsão de término no início de 2008.

Semion

Em 2006, no Festival de Inverno da Universidade Federal de Minas Gerais, em Diamantina, Marilene Ribeiro, juntamente outros dois fotógrafos, Henrique Teixeira e Fabrício Ferraz, realizou o projeto "Semion", de curta duração, mas consistente. A proposta era trabalhar dois poemas construtivistas, que falavam sobre papéis sociais por meio da idéia das pessoas como "ninguém" e "alguém", e retratá-los em meios alternativos. Como todos os três trabalhavam com fotografia, decidiram fazer uma tradução intersemiótica para esse suporte. O projeto consistiu em fotografar intervenções de "ninguéns", ou seja, de pessoas anônimas, no concreto, simbolizando a cidade grande. No momento em que esses "ninguéns" fazem sua intervenção, eles passam a ser "alguéns". "O concreto é o mais importante que se vê, e quando se escreve nele, a pessoa ninguém vira alguém. Ela se individualiza a partir do momento em que coloca suas coisas ali, em cima de alguém, que é a parede, que é o tijolo, que é o que o outro escreveu. A proposta do 'Semion' foi traçar a questão do cotidiano da vida moderna de cidade grande: ninguém conhece ninguém, ninguém é ninguém, um tanto de gente dissolvido ali, naquela multidão, mas ao mesmo tempo os 'ninguéns' podem ser 'alguéns' porque eles têm a vida deles individual", conta Marilene.

Ar de Luz

A cidade de Belo Horizonte vista a partir do imaginário das pessoas sobre ela e imortalizada nas fotografias de Marilene Ribeiro e Henrique Teixeira, com orientação de Tibério França. Essa é a proposta do projeto "Ar de Luz", que está em fase final, com lançamento previsto para fevereiro de 2007, tendo como orientador e curador o Prof. Tibério França. Tudo começou quando um professor da Escola de Belas Artes da UFMG, onde Marilene cursou algumas disciplinas isoladas, resolveu selecionar dez trabalhos dos alunos para uma exposição, entre eles algumas fotografias de Mari-



ARTES PLÁSTICAS

MARILENE RIBEIRO

LUCIANA AMORMINO

lene. Nesta ocasião, ela conheceu Henrique Teixeira, que também estava expondo seus trabalhos, e, numa aproximação, viram possibilidade de fazer algo juntos. Foi assim que começaram o projeto "Ar de Luz", que será exposto na Guignard e no Centro de Cultura de Belo Horizonte no próximo ano. "A idéia é pegar a identidade de Belo Horizonte que existe dentro da cabeça das pessoas e brincar, fazê-las voar em cima do que pensam sobre a cidade, e refletir nas fotografias os signos, interpretantes, história pessoal e o passado que elas trazem", explica Marilene.

Como tudo começou

O início do trabalho de Marilene Ribeiro como fotógrafa foi por puro acaso, fruto da necessidade. Certa vez, numa viagem em família para Maceió, deparou com uma câmera manual para registrar aquele momento. Ninguém de sua família sabia como manuseá-la. Escolheram aleatoriamente a abertura do obturador em 2.8. Quando revelaram as fotografias, tudo estava branco... Diante desse fiasco, Marilene, que sempre havia demonstrado interesse por cor e imagem, resolveu fazer um curso, para evitar que acidentes como aquele acontecessem novamente. Conheceu a professora Vera Godoy, fotógrafa entusiasta, e então ficou muito atraída pela atividade. No entanto, sentia-se desconfortável no meio profissional. Muitas vezes, percebia disputas por espaços, certas vaidades e brios exacerbados. Ficou por um tempo parada, mas depois resolveu fazer algumas disciplinas na Escola de Belas Artes da UFMG, Fotografia A, Laboratório P&B, Evolução e Crítica da Fotografia e Semiologia da Imagem., que a levaram de volta ao mundo da fotografia, apenas um pouco adormecido.

Começou, então, a fotografar coisas ligadas a cultura e etnografia, o que mais a interessava. Acabou se envolvendo em um projeto aqui, outro ali e não conseguiu mais parar.

Pensando a fotografia

Película ou digital. Alguns de seus trabalhos, como o "Semion" e o "Ar de Luz", foram feitos em câmera digital. Já as fotografias de "Como chama no sertão" estão sendo feitas em 35 mm, seja cromo ou tri-x. A escolha do suporte depende do tipo de trabalho que realiza, apesar de que, atualmente, a facilidade em fotografar com câmera digital é indiscutível. A relação custo/benefício, a segurança de ver o que foi fotografado na hora, a facilidade de se relacionar com outras mídias, a rapidez no repasse da imagem são alguns pontos positivos que Marilene Ribeiro aponta em se fotografar com câmera digital.

Em ambos os casos, dependendo do projeto, ela trabalha as fotografias posteriormente, quer puxando o contraste ou modificando algo na cor, tudo para que fique do jeito que pensou. "Tanto a fotografia digital quanto

ARTES PLÁSTICAS

MARILENE RIBEIRO

LUCIANA AMORMINO

a película não saem prontas. Elas têm que passar por uma produção para ficarem do jeito que você quer. O pessoal fala muito de Photoshop, que o programa deturpa tudo, mas já se fazia isso com fotografias no século XIX. Misturava-se as fotos, fundia-se a imagem, acrescentava-se novos elementos. A diferença é a facilidade e a rapidez que as novas tecnologias trazem. Em laboratório p&b, por exemplo, tinha dias que eu ficava a tarde inteira mexendo e a foto não ficava do jeito que eu queria. Nessas horas, pensava: 'Meu Deus, ainda bem que existe o Photoshop' ou então: 'Se fosse no Photoshop, em dois tempos estaria na terceira, e não fiz nem a primeira ainda'. Mas é gostoso, as duas coisas são interessantes, o laboratório p&b é muito bom, a gente aprende, tudo é válido", explica a fotógrafa.

